



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

ASPECTOS DO TRÁGICO EM *O PAGADOR DE PROMESSAS*, DE DIAS GOMES

Erenil Oliveira Magalhães¹ (UNEMAT)

Resumo: Por meio de uma reflexão sobre o trágico, notadamente surgido do choque entre os valores burgueses e as forças arquetípicas, refletimos sobre o sincretismo religioso que, em princípio, deveria ser absorvido com naturalidade. No entanto, conforme também encaminhamos, a religião, mais especificamente o catolicismo, absorveu os valores burgueses de poder e exclusão e rejeitou as demais religiões, como o Candomblé, criando uma situação adversa. *A ideia do teatro*, de Ortega Y Gasset, e *O sagrado e o profano*, de Mircea Eliade, serviram de fundamentação teórica. O personagem principal na peça *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, não consegue pagar uma promessa feita um terreiro de candomblé, no meio rural, na Igreja Católica, em Salvador. Procedemos a uma abordagem analítica, demonstrando que Dias Gomes atingiu uma contradição trágica que está no cerne da sociedade e o fez pela via da religiosidade, suscitando um desfecho catastrófico ao modelo da paixão de Cristo. Como ingredientes, apontamos a ideologia de poder, os valores capitalistas, como dominação e prostituição, o individualismo em detrimento da solidariedade, a ingenuidade *versus* o pragmatismo, contexto rural *versus* urbanidade.

Palavras-chave: Trágico. Religião. Catolicismo. Candomblé. *O pagador de promessas*.

Abstract: Through a reflection on the tragic, clearly arisen from the clash between the bourgeois values and the archetypal forces, we reflect on the religious syncretism that, in principle, should be absorbed naturally. However, as we also point out, religion, specifically Catholicism, absorbed the bourgeois values of power and exclusion and rejected other religions such as Candomblé, creating an adverse situation. *The idea of theater*, by Ortega Y Gasset, and *The Sacred and the Profane*, by Mircea Eliade, are the theoretical basis. The main character from the play *O pagador de promessas*, by Dias Gomes, cannot pay the promise made in a Candomblé yard, in a rural area, in a Catholic Church in Salvador. We conducted an analytical approach, demonstrating that Dias Gomes reached a tragic contradiction that is at the heart of society and did so through religion, posing a catastrophic conclusion to the model of Christ's passion. As ingredients, we point out the ideology of power, the capitalist values, such as domination and prostitution, the individualism at the expense of solidarity, naivety versus pragmatism, rural context versus urbanity.

Keywords: Tragic. Religion. Catholicism. Candomblé. *O pagador de promessas*.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Unemat, *campus* de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil, 78300-000. E-mail: eremagalhaes@hotmail.com.

A primeira questão que se faz necessário esclarecer vai ferir a usual concepção de sagrado e profano:

É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso. [...] Até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo [...]. É através da experiência do sagrado que o homem pode perceber a diferença entre aquilo que é real, poderoso, rico e significativo, e o que é desprovido dessas qualidades, pois é real e absoluto. (ELIADE, 1992, p. 18).

Podemos afirmar, portanto, que o sagrado se diferencia do profano. Por meio das hierofanias, o sagrado pode manifestar-se em qualquer objeto do mundo profano, transformando esse espaço. Não cabe falar em uma hierarquia do sagrado, em se pensando em religião. Processa-se, na verdade, o que chamamos de “sincretismo religioso”.

O Brasil é um país constitucionalmente laico. Por isso, não há uma única definição religiosa vigente, o que pressupõe o respeito às diferentes expressões de pensamento. Nesse cenário, o sincretismo religioso afirma a possibilidade de diferentes credos. Podemos considerá-lo, assim, como uma combinação de alguns princípios de diversas origens, nas quais algumas crenças se fundem e continuam exercendo influências mútuas.

Por muito tempo, os valores do catolicismo conviveram com diferentes crenças e rituais e a igreja católica esteve rodeada dos terreiros de Candomblé e de Umbanda desde quando, no Brasil, verificou o encontro de três culturas: a ameríndia, nativa da terra, a europeia, trazida pelos colonizadores portugueses e, mais tarde, a africana, trazida pelos escravos.

O que ocorre é que esse encontro não se deu de forma harmoniosa: houve, antes, a tentativa de impor uma cultura em oposição às outras, com a Igreja Católica sobressaindo-se em relação às demais, ou seja, índios e negros eram submetidos aos rituais católicos. De fato, os que aqui viviam assumiram posturas de colonizado, recebendo influências do dominante, o colonizador europeu. A imposição religiosa é fruto desse processo. Entretanto, os povos dominados não deixaram totalmente de lado suas origens, continuando a praticar os rituais de seus povos. Tais rituais sobreviveram à colonização, ao desenvolvimento e à urbanização das cidades.

Devemos considerar, também, que, no mundo contemporâneo, como desde sempre, verifica-se uma necessidade de busca pela totalidade perdida e pela nossa

essência enquanto seres humanos. As religiões, inclusive, nasceram de tal necessidade. Assim, nessa tentativa, buscamos explicações para os nossos próprios impulsos. Por meio dos arquétipos, convivemos com nossa herança histórica e cultural e com nossa ligação a nós mesmos. No tempo do mito, sempre há uma repetição, um tempo para qual o passado nunca está morto, para o qual ele nunca é passado.

O sincretismo seria uma forma de aproximar diferentes manifestações religiosas. A religião arcaica praticava a festa selvagem, o ritual, o mito, enquanto o cristianismo considera todas essas ações como pagãs. Passamos por um processo de urbanização que acabou por afastar o homem do lado mais mítico de suas crenças, restando disso apenas uma memória distante, relacionada a um passado distante, arcaico, mas recuperado arquetipicamente. No entanto, conforme já adiantamos, é próprio do ser humano o sentimento de incompletude e o desejo de manter certa unidade. Assim, ele assume uma condição trágica, por ter em si forças que se opõem, de ordem pragmática, na busca de sua totalidade, desejando uma aproximação com Deus na sua forma mais primitiva, conforme afirma Mircea Eliade em *O sagrado e o profano* (1992). É natural, e característica principal do homem, a busca pelas crenças e emoções como possibilidade de sua integração ao cosmo.

Nesse sentido, o ímpeto para um desencarcerar-se torna-se imperativo: “o homem necessita periodicamente da evasão em que se sente escravo, prisioneiro de obrigações, regras de conduta, trabalhos forçados, necessidades” (ORTEGA Y GASSET, 2004, p. 75). Também, do mesmo modo, uma forma de se pensar esse ‘extravasar-se’ seria atentarmo-nos para o exemplo da religião dionisíaca: “Dionísio é um Deus universal - deus da Vida, de todo renascer primaveril em planta, animal e homem, mas também deus dos mortos [...], Deus amável, delicioso, prazenteiro e festival”. (ORTEGA Y GASSET, 2004, p. 78). Muitas vezes, em se pensando na nossa atualidade, essa busca torna-se utópica e conflituosa, que permanece em nós, também, por força ideológica, através de uma visão eurocêntrica que permeia nossas posturas e atitudes, mesmo que de modo disfarçado.

A religião dionisíaca, sintoma da força motivadora do dionisismo, estabeleceu-se e consagrou-se na Grécia, conforme afirma Ortega y Gasset.

A religião dionisíaca invadiu a Grécia com incrível rapidez; viu-se nela a possibilidade de contato com uma realidade mais autenticamente transcendente, mais genuinamente divina [...]. Dionísio é a visão

extática de um Ultramundo que é a verdade desse mundo. É uma religião visionária. (ORTEGA Y GASSET, 2004, p. 80-81).

De modo semelhante, Dionísio é assim definido pelo pensador espanhol:

Dionísio e a religião dionisíaca representam a tentativa de o homem liberta-se da vida como preocupação que é sua forma primária e substantiva. O dionisíaco é a vida como descuido, sem sentidos, o abandono ao puro existir e a fé em que algo mais além da personalidade – a personalidade é consciência, deliberação, cautelosa e suspeitosa previsão, regulamentada conduta, razão – e mais poderoso, constante e fecundo que esta leva o homem generosamente em seus braços, enriquece sua existência e o salva. (ORTEGA Y GASSET, 2004, p. 79-80).

Privilegia-se, assim, uma concepção de *ser*, como forma de resgate para um novo homem, livre das amarras ideológicas do cristianismo.

A máscara é a mais clara evidência do trágico, uma vez que evidencia a nossa relatividade e impotência. No entanto, “ninguém pode dizer que o homem é, em absoluto, incapaz, nem correlativamente de que será capaz. Cabe somente delinear em cada instante a fronteira momentânea entre sua impotência real e à onipotência que imagina” (ORTEGA Y GASSET, 2004, p. 94).

Na peça *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, somos apresentados à saga vivenciada pelo personagem protagonista Zé do Burro no cumprimento de uma promessa feita pela cura do seu burro, Nicolau. Uma vez que perto do local onde morava não havia uma igreja, a personagem acaba por fazer a promessa em um terreiro de Candomblé, à santa de nome de Iansã, o que reflete um sincretismo religioso. Tal promessa consistia em carregar uma cruz nos ombros até uma igreja, não sabendo ele, porém, que a mais próxima seria na cidade de Salvador, Bahia. Nesse lugar, devido às convicções nas quais Igreja Católica é fundamentada, ele encontra dificuldades para cumprir o acordo firmado com a santa, simplesmente pelo fato de que um espaço considerado sagrado não pode aceitar manifestações que contrariam os princípios e as regras estabelecidas de outro espaço, mesmo sagrado também. São, então, contrastados os espaços “terreiro” e “igreja”. Eis, pois, a *hamartia* (falha trágica), não construída pelo destino, como no caso de *Édipo*, mas semelhante à de *Antígona*, que se viu impedida de sepultar o irmão (prerrogativa mítica) para atender a uma lei da pólis. As nossas religiões, como já comentamos, criaram espaços sagrados que se distinguem ideologicamente. Contudo, o personagem Zé do Burro não absorve tal lógica, situando-se ainda na perspectiva mítica.

Em outras palavras, não seria engano dizer que Zé imana o desejo e a vontade de uma proximidade com Deus em sua forma mais pura, o que interpretamos como algo que reflete arquétipos que voltam com força e rigor. Existe, também, um confronto entre a pureza e a inocência na personagem. Zé do Burro por não encontrar relação entre a sua religiosidade e a que é para ele proposta no mundo contemporâneo, pois nele há uma imanência que transcende e se transforma em um modo de libertação de determinismos ligados aos aspectos sociais.

Dessa forma, o aspecto religioso constitui-se como elemento trágico e decisivo pela situação contextual: contradições, rupturas, alienação e individualismo. Ao contrário disso, a religiosidade presente na personagem Zé poderia significar uma forma de resgate do sentimento humano como um retorno à conquista do tempo de sentir, do cognitivo e do cotidiano como fortalecimento do ser humano. Buscamos uma proximidade do divino, essa força que é mais próxima do homem e nos torna inteiros nessa relação primeira com Deus. Porém, o mundo que se nos apresenta aproxima-se do caos.

Nesse sentido, a religião escraviza o homem ao impor-lhe o que é certo ou errado em relação a outros valores. O que temos no presente são, por um lado, as regras, e, por outro, a vida que é anterior a tudo isso, suscitada arquetipicamente. No mundo capitalista, o ter sufoca o ser. Na busca do ter, vivenciamos o trágico e a individualidade. Por um lado, criamos regras suscitadas pela força mítica do Deus único pela ideia do pecado; por outro lado, há em nós, perspectivas irracionais. Ao mesmo tempo, buscamos a completude do ser, queremos sentir o mundo, desejamos uma unidade.

Conforme já adiantamos, o mito está fortemente arraigado em nossa cultura e, por assim ser, não podemos desconsiderar sua presença. Por exemplo, o mito da fênix, que existe desde a Antiguidade. Trata-se de uma ave mitológica, presente em várias civilizações. Para o cristianismo arcaico, essa figura simbolizava a ressurreição de Jesus e uma nova maneira de significar e conceber o sagrado. Da mesma forma, conforme já mencionamos, em relação aos aspectos do sagrado, o protagonista da peça teatral de Dias também tem suas crenças, mas concebidas de um modo diferente dos padrões do cristianismo atual, que não aceita um meio termo. Trazemos conosco traços das tradições e de costumes antigos, herança dos nossos antepassados; fazemos referência a um período no qual a natureza era tida como algo divino e para a qual os rituais se consolidavam como verdade para a explicação de vários fenômenos. Porém, o contato com as diferentes culturas e com os traços de uma religiosidade trazida pelos povos que constituíram nossa identidade não se deu de forma harmoniosa. Havia um distanciamento: os valores da

igreja católica eram priorizados, enquanto alguns rituais eram relacionados às manifestações do profano.

Assim, com o processo de miscigenação, foram acrescentados à formação do povo brasileiro diferentes rostos e identidades de cada povo, ou seja, misturaram-se culturas. Por isso, não se pode negar o direito às manifestações de cada povo, como forma de diminuir as assimetrias existentes. O fato é que privilegiamos a visão eurocêntrica do dominador. Temos marcas de um processo de dominação que não nos faz reconhecer o outro na sua individualidade e em suas diferenças, ou seja, há uma forte tendência ao etnocentrismo. No dizer de Abdala Júnior (2012), as fronteiras são múltiplas e as identidades são plurais: somos sujeitos históricos integrados simbolicamente.

Considerar as diferenças e a diversidade cultural é favorecer o diálogo com o outro como princípio da autoafirmação e não da negação. O homem constitui-se como *ser* e não como produto, visto que o capitalismo e a concepção materialista intimidam essa possibilidade. Dá-se espaço às práticas de exclusão de grupos sociais. Apesar de vivermos em um mundo sem fronteiras físicas, estabelecemos fronteiras culturais e religiosas que nos distanciam. Adquirimos posturas etnocêntricas, colocamo-nos como centro, sem considerar que cada cultura em particular está em relação a outras, sendo possíveis pontos de conexões. A religião, nesse contexto, também é fruto do processo de colonização, no qual houve uma imposição dos valores europeus, sem o devido respeito às outras manifestações, instaurando-se formas de anulação do outro.

Os traços dessa miscigenação religiosa estão presentes na personagem Zé do Burro, como o elemento trágico como já comentamos. Evidenciam-se nele formas diferentes de conceber o sagrado por permanecer fiel a seus princípios, o que faz do protagonista um personagem trágico por excelência.

No entanto, não é possível afirmar que Zé seja um praticante do Candomblé; mas também, não se pode negar que ele quer manter um diálogo com Deus de uma forma mais íntima. O não reconhecimento do sincretismo presente nele faz com que seu comportamento e tudo aquilo em que acredita seja relacionado a manifestações demoníacas. O personagem é julgado segundo as regras da Igreja Católica, considerada a religião oficial.

Dessa forma, a falta de diálogo com as diferentes formas de se conceber o sagrado põe em cena um contraste entre o contexto rural e o ambiente moderno. O ambiente acentua-se como trágico quando a religiosidade presente na personagem Zé não encontra laços nesse presente que se configura para ele. Nesse clima tenso e conflituoso, a história

se desenrola e o drama vai tomando forma por conta das posturas diferenciadas, claramente assumidas pelos lados opostos - a personagem de Zé e os sacerdotes da igreja.

Os membros da igreja colocam-se numa posição firme, presos às regras que se apresentam como imutáveis. Contrário a tudo isso está o sentimento da personagem Zé, que quer fazer cumprir a promessa. Assim, ele e alguns outros personagens, que não se enquadram nos padrões da Igreja, representam o sincretismo existente em nossa sociedade. No entanto, como já consideramos anteriormente, é pertinente afirmar que, “mesmo se considerarmos o mundo como pagão, este poderia ter conhecimento natural de Deus” (ELIADE, 1992, p. 8).

Retomando a análise mais detida da obra, podemos afirmar que ela se ambienta em paisagem tipicamente baiana, da Bahia velha e colonial. Como dito anteriormente, nesse espaço, contracenam dois lados religiosos bem distintos: um representado pela personagem Padre Olavo e as normas da Igreja Católica e outro, pela personagem Zé e os representantes do candomblé – as baianas dos terreiros, os capoeiristas, os vendedores, representantes do sincretismo presente em nossa cultura. Vale ressaltar que o Candomblé se apresenta como a herança da religião vinda com os escravos da África para o Brasil.

Também nesse espaço urbano, circulam alguns personagens que caracterizam bem o meio social da trama e que se colocam numa relação de aceitação da situação em que estão inseridos, como, por exemplo, a prostituta Marli, fruto dessa engrenagem social. Tal questão nos interessa porque faz parte do pacote de dominação, de que o sincretismo religioso também faz parte, por não ser absorvido naturalmente. Na peça, Marli

tem, na realidade, vinte e oito anos, mas aparenta mais dez. Pinta-se com algum exagero, mas mesmo assim não consegue esconder a tez amarelo-esverdeada. Possui alguns traços de uma beleza doentia, uma beleza triste e suicida. Usa um vestido muito curto e decotado, já um tanto gasto e fora de moda, mas ainda de bom efeito visual. Seus gestos e atitudes refletem o conflito da mulher que quer libertar-se de uma tirania que, no entanto, é necessária ao seu equilíbrio psíquico. Exploração de que é vítima por parte de Bonitão vem, em parte, satisfazer um instinto maternal frustrado. Há em seu amor e em seu aviltamento, em sua degradação voluntária, muito de sacrifício maternal, ao qual não falta inclusive, um certo orgulho. (GOMES, 2010, p. 27).

O cafetão Bonitão, que contracena com a prostituta Marli, cumpre o papel de dominar e explorar mulheres. Por essa postura e por possuir uma boa aparência, aproxima-se a imagem do cafajeste.

Bonitão é insensível a tudo isso. Ele é frio e brutal em sua “profissão”. Encarara a exploração a que submete Marli e outras mulheres como um direito que lhe assiste, ou melhor, um dom que a natureza lhe concedeu, justamente com seus atributos físicos. Em seu entender, sua beleza máscula e seu vigor sexual, aliados a um direito natural de subsistir, justificam plenamente seu modo de vida. É de estatura um pouco acima da média, forte e de pele trigueira, amulatada. A ascendência negra é visível, embora os cabelos sejam lisos, reluzentes de gomalina e os traços regulares, com exceção dos lábios grossos e sensuais e das narinas um tanto dilatadas. Veste-se sempre de branco, colarinho alto, sapatos de duas cores (GOMES, 2010, p. 27).

A ideia de que o dinheiro traz felicidade e que ele torna as pessoas mais bonitas atravessa alguns momentos do contexto da obra, como, por exemplo, em um diálogo entre Rosa e Bonitão:

Rosa: - Sei lá ...Só sei que sete vezes amaldiçoei aquele dia em que fui roubar caju com ele na roça dos padres.
Bonitão: - Ah, foi sim...
Rosa: - A gente faz cada besteira.
Bonitão: - Quanto tempo faz?
Rosa: - 8 anos.
Bonitão: - E você casou com ele?
Rosa: - Casei.
Bonitão: - Sem gostar?
Rosa: - Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e malvestido. Ele até que era dos melhores. Tinha um sítio...
Bonitão: - E daí?
Rosa: - Daí eu achei que ele garantia tudo que eu queria da vida: homem e casa. A gente quando é franga, com licença da palavra, tem merda na cabeça. (GOMES, 2010, p. 40-4).

Em outro momento, quando Bonitão quer convencer Rosa a dormir num hotel, afloram nela valores burgueses:

Bonitão: - No hotel tem banheiro. Para quem andou sete léguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola”.
Rosa: - Colchão de mola mesmo?
Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom. (GOMES, 2010, p. 44).

Mais uma vez, insistimos: os valores da Igreja se combinam aos valores burgueses. Contrário a tudo isso, a personagem de Zé demonstra não ter qualquer tipo de apego aos bens materiais; o que importava era sua essência: homem simples, honesto e

cumpridor de suas promessas, que chega ao ponto de dividir suas terras com os lavradores pobres. De forma alguma, pensa em desistir e quer levar até o fim o acordo que fez com a santa. Sendo assim, na Igreja, enquanto tenta convencer o Padre Olavo, o personagem afirma:

Zé - Nada disso seu padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo não. É toma lá dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei. (GOMES, 2010, p. 58).

Zé mantém-se firme no seu propósito por acreditar que não fez nada de mal ao prometer carregar uma cruz até a igreja de Santa Bárbara, em troca de uma benção. Ele quer pagar a promessa a todo custo, mesmo com sofrimentos, mesmo que suas atitudes não sejam aceitas em relação às regras da Igreja Católica, como podemos perceber no diálogo abaixo.

Padre: - E foi por ele, por um burro, que fez essa promessa?

Zé: - Foi. É bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara, que ia precisar andar sessenta léguas para encontrar uma, aqui na Bahia. [...]

Zé: - Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do Preto Zeferino davam jeito...

Padre: - Rezas? Que rezas?

Zé: - Seu vigário me desculpe, mas eu tentei de tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo mundo diz. E eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar. Chamei Preto Zeferino, ele disse que eu estava com sol na cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa d'água, rezou uma oração, o Sol saiu e eu fiquei bom.

Padre: - Você fez mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

Zé: - Do demo, não senhor.

Padre: - Do demo sim. Você não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

Zé: - Para o inferno? Como pode ser, padre, se a oração fala em Deus? (Recita) “Deus fez o sol, Deus fez a luz, Deus fez toda a claridade do Universo grandioso. Com Sua Graça eu te benzo, te curo. Vai-te, Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo”. Depois rezou um padre –nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante. (GOMES, 2010, p. 60-62).

Além das oposições entre as formas de se pensar o sagrado, também são apresentados na obra os conceitos burgueses, que relacionam o meio urbano à possibilidade de conforto e o meio rural, ao sofrimento. Percebe-se isso na fala de Bonitão, quando ele se dirige à Rosa: “- Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro” (GOMES, 2010, p. 42). O espaço urbano pode passar uma falsa ideia de bem-estar, que poderá levar as pessoas a negarem sua a essência do *ser* em função do *ter*.

A indiferença, sintoma do individualismo burguês, permeia toda a peça. Isso está exemplificado no fato de não haver reconhecimento e sensibilidade pelo próximo - afinal, a prerrogativa maior do capitalismo é o dinheiro, o lucro, o capital. A seguinte passagem evidencia bem essa situação. Nela, há a interferência do Monsenhor como possibilidade de resolver aquilo que para a Igreja representava uma afronta:

Monsenhor: - Venho aqui a pedido do Monsenhor arcebispo. S. Ex.^a está muito preocupado com o vulto que está tomando este incidente e incumbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova de tolerância da igreja para com aqueles que se desviam dos cânones sagrados... (GOMES, 2010, p. 125).

Entretanto, Zé insiste nos seus princípios. Ele não tem consciência de tudo que se passava à sua volta e que aquela situação caminhava para um desfecho trágico.

Zé: - Padre, sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico. Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.

Monsenhor: - Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Madre Igreja.

Padre: - Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

Zé: - O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar para minha roça, não vou encontrar meu burro morto?

Monsenhor: - Decida! Renega ou não renega?

Zé: - Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!

Padre: - Então é porque você acredita mais na força do demônio do que na força de Deus! É porque tudo que fez foi mesmo por inspiração do Diabo.

Monsenhor: - Nada mais posso fazer então. (GOMES, 2010, p. 126-127).

Aqui, podemos comparar tal posição à assumida por Pilatos em relação à condenação de Jesus. É como se os sacerdotes dissessem que tinham tentado de tudo para

tirar Zé do caminho que consideravam errado e relacionado às manifestações profanas. Então, ‘as mãos são lavadas’ e eles não se comprometem pelo que poderá ocorrer, muito menos pelo final trágico que se anuncia. Há uma repetição do mito sagrado envolvendo Jesus. A mesma atitude de Monsenhor é repetida por padre Olavo em outro momento, quando aponta Zé para o delegado como sendo o único culpado pela agitação em frente à igreja e por toda confusão que se formou:

Zé: - Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundido com outra pessoa. Sou um homem pacato, só quero pagar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. [...] Aí está o vigário para dizer se é mentira minha!

Padre: - É mentira, sim! E não somente mentira, também um sacrilégio!

Zé: - Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que não fiz essa promessa!

Padre – Sim, talvez tenha feito, por inspiração de Satanás. Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em bruxas. No entanto, elas ainda existem. Mudaram talvez de aspecto, como Satanás mudou seus métodos. É mais difícil combatê-las agora, porque são inúmeros os seus disfarces. Mas o objetivo de todas continua a ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja!

Delegado: - Padre, este homem...

Padre: - Este homem teve todas as oportunidades para arrepender-se. Deus é testemunha de que fiz todo o possível para salvá-lo. Mas ele não quer ser salvo. Pior para ele.

Delegado: - (Que ganha decisão com o sermão do Padre) Sim, pior para ele. (Avança um passo na direção de Zé-do-Burro, que recua e fica encurralado contra a parede).

(GOMES, 2010, p. 167-168).

Em todo o desenrolar do enredo, fica visível a posição assumida por Padre Olavo, a de superioridade em relação à de Zé. Dessa forma, o padre sempre está no alto da escadaria da igreja em contraposição ao protagonista, que se encontra nos degraus abaixo. Trata-se, evidentemente, de um recurso cênico. Diante disso, Zé vê-se sem saídas e adquire uma estatura trágica, por tão somente desejar cumprir uma promessa que realizou na mais pura inocência de homem simples do campo, baseado na sua relação primeira com Deus e na sua forma de ser no mundo.

A partir de *O pagador de promessas*, pode ser estabelecida uma aproximação entre a incompreensão e a falta de tolerância por parte daqueles que estão no poder e que são responsáveis por fazer cumprir as normas pré-estabelecidas e a história de Jesus Cristo, que também não foi compreendido em sua forma de pregar e propagar o evangelho e, por isso, foi crucificado e morto.

Atualmente, testemunhamos frequentemente cenas de atrocidades cometidas em nome de certos princípios, que totalmente ignoram a possibilidade da existência da diferença. Como exemplo dessas posturas estão os cristãos que são perseguidos, massacrados e mortos em nome da doutrina islâmica.

Pelo viés da religiosidade, a peça de Dias propõe-nos pensar aspectos da intolerância e da alienação. Também nos permite refletir como determinada situação se configura trágica na medida em que não permite qualquer manifestação que seja diferente de determinada ordem estabelecida. A religião se submeteu, pois, aos paradigmas do poder, como, aliás, acontece desde sempre.

Dias Gomes conseguiu retratar, com sua peça, a contradição trágica que está no cerne da sociedade e o fez pela via da religiosidade: duas religiões com medidas relativas a Deus tratadas em uma relação de desmerecimento, apesar de unilateral: o catolicismo se negando à inspiração divina do candomblé. Essa contradição trágica suscitou um desfecho trágico, comparado ao da paixão de Cristo. Como ingredientes desta peça, apontamos a ideologia de poder, valores capitalistas como dominação e prostituição, o individualismo em detrimento da solidariedade, a ingenuidade *versus* pragmatismo, o contexto rural *versus* a urbanidade. Eis, pois, o trágico em *O pagador de promessas*, de Dias Gomes.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. **Literatura Comparada e Relações Comunitárias Hoje**. São Paulo: Ateliê, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GOMES, Dias. **O pagador de promessas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

ORTEGA Y GASSET, José. **A ideia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.